

---

## **A pista também é delas: Reflexões sobre o discurso produzido na página Globo Esporte sobre as skatistas <sup>1</sup>**

Monique de Souza Sant'Anna FOGLIATTO <sup>2</sup>

José Carlos MARQUES <sup>3</sup>

Universidade Estadual Paulista (UNESP/FAAC), Bauru, SP

### **RESUMO**

O artigo tem como objetivo tentar compreender de que forma são construídas representações sobre skatistas mulheres no portal de notícias Globo Esporte. Sustentado pelas reflexões da Análise do Discurso de linha francesa, buscou-se construir um retrato das representações feitas sobre estas mulheres no período de um ano de publicações, o que resultou em uma organização cronológica das análises aqui apresentadas: a criança, a jovem e a mãe-pioneira. A análise revela uma dicotomia de projeções sobre elas: ao mesmo tempo em que são humanizadas, as atletas são colocadas como heroínas, que além dos inúmeros papéis desempenhados socialmente, ainda carregam consigo a responsabilidade da classificação para o evento e a de trazer para todo um país o reconhecimento olímpico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mídia; Representação; Mulheres; Skatistas; Olimpíadas

### **INTRODUÇÃO**

Resultado da capacidade adaptativa e da criatividade de surfistas californianos ainda nas décadas de 1950-60, o skate vem, aos poucos, ganhando espaço na grade midiática através da transmissão de eventos resultado do reconhecimento de seus praticantes a níveis internacionais. Nascida como uma tentativa de ocupação do espaço urbano público, a modalidade esportiva foi ganhando identidade própria através da invenção de manobras e a criação de grupos para a prática, que estabeleceram regras de conduta e mentalidades para que fosse exercida. Assim, a cidade, considerada espaço de fluxo (Magnani, 2003), ganha novas configurações para os espaços partilhados socialmente e, pouco a pouco, os adapta a essa nova realidade possibilitada pela ação dos indivíduos que a compõem.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Bauru – SP. E-mail: moniquefogliatto@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Bauru – SP. E-mail: jose.marques@unesp.br.

---

Tal como conceitua Roberto DaMatta (1997,19-20), “espaço não existe como uma dimensão social independente e individualizada, estando sempre misturado (...)”. Fruto de uma mentalidade que cada vez mais buscava o reconhecimento da prática como ferramenta identitária projetada por suas conquistas, a prática foi influenciada pela mentalidade vigente à época, principalmente do punk e da New Wave.

Nascido em um ambiente marcado por guerras, revoluções e, principalmente, movimentos coletivos contestatórios, o skate carregou consigo esta motivação da prática como elemento de resistência. (BRANDÃO, 2007) Porém, apesar de revolucionária, a atividade carregou consigo por muitos anos a predominância quase que total da participação masculina. Constantemente comparadas a padrões masculinos, estereotipadas pejorativamente ou frequentemente invisibilizadas, as mulheres skatistas têm ganhado cada vez mais espaço neste ambiente e, para além disso, projeção midiática.

Para compreender de que forma espaços predominantemente povoados por homens vêm sendo ocupados pelas mulheres, apoiamo-nos na produção jornalística que tem mulheres skatistas entre suas protagonistas. Esta afirmação pode ser sustentada pelas reflexões feitas por Bourdieu (2001, p.15), o qual acredita que, através da modulação dos discursos produzidos, a televisão, assim como qualquer outro meio de comunicação, ao pretender ser um elemento de registro, “(...) torna-se instrumento de criação de realidade”.

## **AS MULHERES OLÍMPICAS**

Como já sabemos, as Olimpíadas, com suas raízes estabelecidas na Grécia Antiga, trouxeram consigo um inúmero montante de práticas e representações sociais que extrapolavam o cenário da época. Surgida como uma tentativa de aproximação entre homens e deuses, as modalidades exaltavam a força, a virilidade e a inteligência masculina em um caráter competitivo entre as cidades-estado gregas, exaltando sempre a figura do homem como herói, cujos feitos eram condecorados com honras (COLLI, 2004)

A regulamentação para a segmentação das modalidades em gêneros foi estabelecida em 1898, ano em que foi publicada pela primeira vez a Carta Olímpica. O documento, que fundamenta e norteia os princípios da competição tem, entre suas conven-

ções estabelecidas, a garantia da participação feminina <sup>4</sup> nas mais variadas modalidades disputadas. No entanto, a participação feminina nas competições acontece só em 1900, quando o evento, de proporções globais teve como sede a cidade de Paris, ocasião na qual 22 delas disputaram apenas quatro modalidades. Gradativamente, a participação das mulheres nas competições olímpicas tem ganhado espaço. Porém, apesar da maior representatividade feminina, ainda encontramos alguns obstáculos, de origem ideológica e religiosa, que ainda atrapalham na consolidação da mesma.

Se pudermos construir um marco para a participação feminina brasileira na história da competição, teremos suas raízes fincadas em solo nacional. O evento, com sede na cidade do Rio de Janeiro conquistou alguns feitos históricos: além da maior delegação da história da competição e do maior número de medalhas, pela primeira vez tivemos a maior participação de atletas mulheres nas Olimpíadas. De 465 competidores, figuram entre eles 209 mulheres, o que representou 44,94% dos participantes. Quando voltamos nosso olhar para a prática do skate por mulheres, esta realidade de inclusão toma outras proporções. A projeção delas é evidente nesse cenário: Uma pesquisa, realizada pelo Datafolha <sup>5</sup> encomendada pela Confederação Brasileira de Skate (CBSK) em 2015, revelou que a prática do skate atingiu a marca de 8,5 milhões de praticantes, tendo dobrado se comparado ao último dado estatístico de 2009, com quatro milhões.

A pesquisa também revelou que entre este número expressivo de praticantes é composto por uma parcela significativa de mulheres. Se comparados os dados de ambas as pesquisas, as praticantes da modalidade tiveram aumento de 9%, o que representa que cerca de 1 milhão e 600 mil mulheres aderiram à modalidade esportiva. Apesar da expressividade dos números, o cenário ainda é povoado por praticantes homens, que representam cerca de 80% dos atletas.

Muito antes de ser considerada modalidade pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), o skate feminino já era uma realidade em muitas localidades do mundo, inclusive no Brasil. O registro da primeira skatista profissional data de 1965, quando Patti McGee, estadunidense de apenas 19 anos, venceu o Campeonato Nacional dos Estados

---

<sup>4</sup> Contida no apontamento 7 do tópico Missão e Papel do Comitê Olímpico Internacional (COI), a regulamentação estabelece “Encorajar e apoiar a promoção das mulheres no desporto, a todos os níveis e em todas as estruturas, com vista à aplicação do princípio da igualdade entre homens e mulheres” Disponível em [http://www.fadu.pt/files/protocolos-contratos/PNED\\_publica\\_CartaOlimpica.pdf](http://www.fadu.pt/files/protocolos-contratos/PNED_publica_CartaOlimpica.pdf). Acesso em 06/06/19.

<sup>5</sup> Disponível em <http://edicaodobrasil.com.br/2017/06/30/numero-de-praticantes-de-skate-dobrou-em-8-anos-no-brasil/>. Acesso em 06/06/2019.

Unidos. Já o ganho de espaço midiático feminino na modalidade esportiva tem entre suas protagonistas Ellen O’Neal, que apresentou a prática em um famoso seriado norte-americano intitulado “Mulher Maravilha”.

Porém, sustentados pelas reflexões de Araújo (1999), vemos que este reconhecimento é algo marcado por diversos obstáculos, figurando entre eles a falta de apoio e incentivo da prática, apesar de o país já possuir personalidades reconhecidas internacionalmente na prática desde a década de 1980, tal como Leni Cobra e Mônica Polichuck. Para se ter ideia, o cenário do skate enquanto modalidade competitiva feminina em solo nacional apenas se deu em 1995, quando foi promovida pela primeira vez a competição “Check it Out Girls”. Neste sentido, este trabalho busca revelar o espaço e a visibilidade dada à mulher skatista através do reconhecimento dos estereótipos sobre elas projetadas em um cenário de ineditismo da disputa da modalidade em um evento de proporções globais como as Olimpíadas.

## **METODOLOGIA**

Construindo como problema de pesquisa “Quais são os retratos das mulheres skatistas publicados pelo portal Globo Esporte?” este artigo busca, por meio de recorte temporal referente a um ano de publicações (entre maio de 2018 e 2019), aferir como a página dedicada a publicações de natureza olímpica retratou as mulheres skatistas.

Ao todo, foram publicadas 18 matérias, dentre as quais dez cumpriram com o critério seletivo de colocarem as mulheres como protagonistas. O recorte ainda perpassa por um outro critério, necessário para que a discussão aqui apresentada não fosse prolongada. Restaram seis matérias que contemplam as três principais fases que se espera que estejam presentes na vida de uma mulher: a infância, a adolescência e a idade adulta, representada pelo papel da maternidade.

Retirando-se da visão instrumental da comunicação, cujo preceito era “Quem - Diz o que- Para quem- Em que canal- Com que efeitos?”, este trabalho, sustentado pelo viés teórico da Análise do Discurso (AD) visa desvendar o processo comunicativo como algo plural, que envolve sujeitos, situações e os usos comunicativos que os mesmos fazem da sua principal produção, a linguagem.

Tal como propõe Benveniste (1989), a língua, repleta de ordens, convenções e princípios, se converte em linguagem quando os sujeitos, que foram os responsáveis por sua produção, se apropriam dela e estabelecem diferentes formas de concebê-la. Assim,

nada é mais subjetivo ou situacional que a linguagem, o que nos leva a, através da análise daquilo que se diz, revelar os outros elementos que o compõem: as mentalidades, os espaços, o tempo em que está posto, os elementos linguísticos não verbais que nos ajudam a desvelar aquilo que não é expresso por meio de palavras. Ou seja, para Benveniste (1993, p.287), é preciso se atentar para os usos da linguagem na medida em que “(...) não fazem mais que sublinhar o valor das formas evitadas.”

Desta forma, a AD se revela naquilo que Pêcheux (1990) conceitua como interdiscurso, ou o plano de fundo que dá sustentação para a ocorrência de atos comunicativos dialógicos ou múltiplos. Tomada como “lugar de conflito” (BRANDÃO, 1993), a linguagem revela aquilo que somos, enquanto indivíduos singulares ou existentes enquanto coletivo. É através dela, que não detém da característica de neutralidade, que entendemos um ambiente mais complexo de sentidos construídos para que se garanta a existência social humana.

O discurso, posto agora na mídia através das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), é mediado por sentidos que extrapolam os limites subjetivos, reunindo para além disso a proposta do “falar para alguém” possibilitado por um meio comunicacional. Este fato pode ser sustentado pelas reflexões de Bourdieu, que acredita que o sujeito, neste caso,

Distribui a palavra, distribui os sinais de importância. (...) O próprio apresentador intervém por meio da linguagem inconsciente, pela sua maneira de pôr os problemas, pelo tom (...) distribui os tempos de palavra, distribui o tom das palavras (...). (BOURDIEU, 2001, p.28-29)

Neste sentido, mais do que analisar o dito, é preciso revelar o plano de fundo que possibilita o dizer em escala expandida e, para além disso, conservar a importância do papel social daquele que diz algo na figura de comunicador de algum acontecimento desenrolado no meio social e elegido como importante para compor o cenário comunicativo midiático.

## **CORPUS DA PESQUISA**

A fim de desvelar o retrato construído sobre as mulheres skatistas que possivelmente representarão o país nas Olimpíadas de 2020, elegemos como objeto de análise a sessão Olimpíadas, que compõe o menu do portal online Globo Esporte, pertencente à TV Globo – emissora que fará as transmissões oficiais do evento.

Os critérios seletivos para recolha do material analisado estão sustentados no recorte temporal e temático deste artigo. Foram selecionadas matérias publicadas durante um ano (entre maio de 2018 e 2019), período que corresponde ao início das etapas classificatórias para seleção dos representantes das modalidades skate street e park. Além disso, utilizamos como critério seletivo matérias que tinham como protagonistas mulheres skatistas, não considerando como critério de seleção o fato de serem atletas brasileiras. Pretendemos, com o recorte que totaliza seis matérias, averiguar a imagem construída sobre a mulher nas diferentes etapas de sua vida: infância, adolescência e maternidade, caso ela aconteça.

A partir de nossas leituras, constituímos três categorias de caracterização das mulheres: “a criança prodígio”, “os desafios da adolescência” e “a mulher pioneira e mãe”. Vejamos como se constitui o discurso do portal do Globo Esporte em torno destas três categorias.

#### A criança prodígio

Esta categoria está composta por Sky Brow, skatista britânica de apenas dez anos que pode ser considerada a atleta mais jovem a ser premiada em um evento olímpico. Sky é apresentada ao público em duas matérias com intervalo exato de um mês entre as duas. A primeira delas, publicada em 14 de março de 2019 apresenta a atleta como “sensação da web”, levando o espectador a construir a imagem de uma “menina prodígio” que é reconhecida e midiaticizada por suas conquistas em um momento da vida em que o comum seria vê-la brincando com outras crianças.

O discurso ressalta que o estrelato está associado ao desempenho de múltiplas atividades com tamanha eficiência que chega a ser reconhecida por uma infinidade delas. Esta afirmação pode ser constatada quando o jornalista constrói um discurso de que ela “(...) surfa, dança e anda de skate e, com apenas 10 anos, tem um sonho: quer se tornar a mais jovem atleta do Reino Unido a disputar uma edição dos Jogos Olímpicos”.

A imagem da menina é constantemente contraposta com o discurso de “foco, determinação e comprometimento com seu papel social de atleta” (Figura 1). A pouca idade, colocada como desafio a ser superado, constrói a imagem do mito do herói (CAMPBELL, 2004), como aquele que, munido de esperança e espírito desbravador, enfrenta dificuldades em prol da conquista de um bem maior, que projetará sua imagem, mas ao mesmo tempo, servirá de alegria para todo um povo. Esta afirmação é sustentada



pela narrativa construída, que ressalta que os ganhos de competição vieram na conquista de uma competição disputada por adultos “(...) em uma pista de park, desenhada para homens que têm o dobro de seu tamanho”.

## Sensação na web, skatista de 10 anos sonha se tornar mais nova do Reino Unido na Olimpíada

Sky Brown também é surfista e venceu a versão mirim do "Dança dos Famosos" no fim do ano passado. Contratada por gigante americana de esportes e parceira de Simone Biles em campanha, ela mostra maturidade: "Garotas podem fazer tudo que os meninos fazem"

Por GloboEsporte.com — Rio de Janeiro, RJ  
14/09/2019 10h11 - Atualizado há 2 meses



Foto: Reprodução

Figura 1: Portal Globo Esporte <sup>6</sup>

A questão que é colocada implícita no discurso diz respeito à ausência de competições em sua faixa etária, o que nos levanta o questionamento “A superação e a construção da heroína criança está associada à falta de estrutura das competições ou da pouca representatividade de atletas na mesma faixa etária?”.

A narrativa do herói consciente de sua missão continua ao apresentar a que a atleta tem consciência da dificuldade que estará posta a ela na caminhada até a competição olímpica e, talvez, durante a mesma. O discurso contrapõe, talvez em caráter propositivo, a dicotomia entre “pequena estatura” e “grande competição”, que serve como ferramenta para projeção de expectativa sobre ela, mas que é sustentada pela declaração dada por Sky “Eu sinto como se a idade não fizesse diferença.”.

A humanização da personagem se dá quando, validado pela fala de um especialista, o discurso a apresenta como passível de falhas devido aos diversos desafios que serão apresentados: “A Sky só não tem ainda a força e velocidade para competir em

<sup>6</sup> Disponível em <https://globoesporte.globo.com/skate/noticia/sensacao-na-web-skatista-de-10-anos-sonha-se-tornar-mais-nova-do-reino-unido-na-olimpiada.ghtml> acesso em 10/06/2019

bowls muito grandes. Mas será uma grande experiência para ela (a Olimpíada) e não há dúvidas de que ela será uma das melhores do mundo conforme for crescendo”. Neste sentido, vemos que as expectativas sobre ela não cessarão caso não haja a classificação, uma vez que a jovem skatista continuará sua jornada e seu aprimoramento caso a conquista não se concretize, sendo auxiliada por sua pouca idade e dedicação à prática.

A representatividade feminina está também representada pela consciência da atleta da importância da representatividade feminina nesta prática. Através da declaração dada pela atleta, podemos inferir que o discurso construído sobre atletas homens e mulheres é dicotômico: enquanto a prática por homens é vista com naturalidade, sobre as mulheres é posta uma responsabilidade maior, já que as dificuldades a serem superadas são múltiplas. Além disso, a narrativa exposta através da fala da menina apresenta a necessidade de que os praticantes de modalidades esportivas sejam humanizados, desconstruindo a narrativa do herói em que são comumente colocados como personagens centrais. “Às vezes, eu só quero ser eu mesma e fazer o que os meninos fazem. Por que eles têm toda a diversão? Garotas podem fazer tudo que os meninos fazem”.

Já a segunda matéria, publicada em 14 de abril deste ano, tem como título “Skatista de 10 anos que quer ser mais jovem do Reino Unido na Olimpíada é campeã britânica”. A narrativa construída sobre a protagonista tenta justificar sua presença no noticiário por suas conquistas, uma vez que a competição em que foi premiada é considerada valiosa na corrida por uma vaga olímpica, mas, principalmente, por sua familiaridade com o terreno em que as competições vão ser disputadas, já que tem mãe japonesa.

Etimologicamente analisando, o discurso apresenta a oposição de adjetivos ofertados à atleta. São constantes os usos dos termos “pequena”, “menina”, “apenas dez anos” e até mesmo “a mais jovem que quer disputar uma edição de jogos olímpicos”. Esta desconstrução heroica é também feita quando a narrativa apresenta a atleta como possuidora de sentimentos como “nervosismo” e “empolgação”. Neste sentido, parece que o discurso tenta, a todo tempo, justificar a possibilidade da ausência de Sky, destacando que a carreira no esporte é imprevisível, mas que suas conquistas justificam a projeção de expectativas sobre ela (Figura 2).



## Skatista de 10 anos que quer ser mais jovem do Reino Unido na Olimpíada é campeã britânica

Sky Brown é membro da seleção do país de seu pai e ganhou o campeonato em Salford neste fim de semana, conquistando pontos para a corrida olímpica de Tóquio 2020

Por GloboEsporte.com — Rio de Janeiro  
14/04/2019 13:02 - Atualizado há um mês



Figura 2: Portal Globo Esporte <sup>7</sup>

Apesar do discurso positivista construído sobre a skatista, cabe a nós questionar a ausência de humanização dada ao fato de ela ser criança e, diferente das demais, estar inserida em um espaço em que predomina a figura masculina e, quando a feminina está presente, ela é assumida por mulheres de idades muito distantes à dela.

### Os desafios da adolescência

Esta categoria foi criada para representar a única matéria, publicada em 18 de maio de 2018, que tem como protagonista a skatista Dora Varella, de apenas 16 anos. Assim como no caso das skatistas infantis, a projeção de expectativa continua a ter presença na matéria analisada. Este fato pôde ser comprovado a partir da presença de duas frases do texto que compõe a produção jornalística aqui analisada: “Dora Varella tem apenas 16 anos, mas um extenso currículo de vitórias” e o uso da expressão “promessa das quatro rodinhas”.

A justificativa para o protagonismo dado a ela na matéria está nas conquistas que a projetam como esperança olímpica da nação. Diferente do caso anteriormente analisado, a proposta central da matéria é desvelar as oposições enfrentadas por Dora nos dois principais papéis sociais desempenhados simultaneamente, a de estudante e a de aspirante a atleta olímpica. Utilizando de uma linguagem mais sensível e apostando nas

<sup>7</sup> Disponível em <https://globoesporte.globo.com/skate/noticia/skatista-de-10-anos-que-quer-ser-mais-jovem-do-reino-unido-na-olimpiada-e-campea-britanica.ghtml> Acesso em 10/06/2019

declarações oferecidas pela própria personagem, o discurso produzido sobre ela é humanizado, talvez como uma forma de dar justificativas caso a classificação para a disputa olímpica não ocorra (Figura 3).

## Dora Varella se divide entre skate e estudo, mas foca na disputa da Olimpíada

Aos 16, jovem, que é membro da atual seleção brasileira da modalidade, está no segundo ano do colégio e chega a estudar para provas dentro do carro, mas tem Tóquio 2020 como objetivo

Por GloboEsporte.com — Rio de Janeiro, RJ  
16/05/2019 - 18:02 - Última atualização



Figura 3: Portal Globo Esporte <sup>8</sup>

“Entre treinos, competições e gravações, precisa também parar para estudar”. Esta declaração sustenta a afirmação feita anteriormente através do relato do cotidiano de Dora Varella. Através do destaque à declaração “Chega a estudar para provas dentro do carro, mas tem Tóquio 2020 como objetivo”, vemos que o subtítulo que compõe a matéria como uma tentativa de construir a imagem de uma heroína humanizada que enfrenta cotidianamente uma sobreposição de papéis sociais mas que desempenha todos eles com maestria.

<sup>8</sup> Disponível em <https://globoesporte.globo.com/skate/stu/noticia/dora-varella-se-divide-entre-skate-e-estudo-mas-foca-na-disputa-da-olimpiada.ghtml> Acesso em 10/06/2019

Em uma oposição à tradicional visão de prioridade dada aos estudos esperada por qualquer adolescente nesta etapa da vida, Dora Varella afirma que sua prioridade é o esporte. “A Olimpíada agora é mais importante, eu acho. Quero fazer o terceiro ano, me empenhar e passar. Mas a hora não é de vestibular, é de Olimpíada.”. O que fica implícito é a esperança de que o esporte ganhe cada vez mais espaço para que, um dia, possa sobreviver dos seus sonhos.

A formação acadêmica, neste caso, é colocada em segundo plano, para quando o esporte não puder mais fazer parte do cotidiano. Este fato é ainda confirmado através da declaração “Ela ainda não sabe que carreira seguirá academicamente, mas no esporte tem certeza de sua missão principal: a Olimpíada.”. Além disso, a declaração “Quero fazer algo para o futuro, para quando não puder mais andar de skate” traz implícita a ideia de volatilidade e imprevisibilidade do esporte, cujos atletas estão sujeitos às mais diversas intempéries do destino.

#### A mulher pioneira e mãe

A matéria que motivou a criação desta categoria tem como protagonista a skatista Karen Jonz, considerada umas das pioneiras da modalidade em solo nacional e reconhecida internacionalmente por suas conquistas na modalidade vertical. O discurso presente na matéria transita constantemente entre diferentes polos identitários: a heroína desbravadora e pioneira (sendo este adjetivo colocado explicitamente no discurso construído na matéria) que se converte em heroína-mãe, sendo humanizada ao ser projetada sobre ela a imagem de uma mulher forte, multitarefas que abdica de sua carreira reconhecida internacionalmente em prol da maternidade.

A hierarquização e sobreposição dos papéis sociais desempenhados por Karen Jonz é ressaltada pelo título que compõe a matéria “Mãe, música e skatista! Pioneira, Karen Jonz agora quer ser olímpica: “estou super a fim””. Podemos interpretar que o discurso produzido é projetado na medida em que se funda em uma das declarações dadas pela própria atleta, que ressalta o seu lado sensitivo através da afirmação “Sou melhor mãe que qualquer outra coisa que fiz na vida”.

A construção da heroína pioneira e persistente pôde ser percebida em diversos momentos do discurso construído sobre a skatista durante o texto da matéria. Utilizando-se do fato de ter se tornado mãe enquanto tinha prestígio internacional, a matéria constrói o discurso que a sua presença pode não ser garantida no evento pelas diversas

dificuldades que tem enfrentado: o afastamento das pistas em prol da maternidade fez com que a mesma se “sacrificasse” como atleta ao se afastar por três anos, idade de sua filha. (Figura 4).

### **Mãe, música e skatista! Pioneira, Karen Jonz agora quer ser olímpica: “Estou super a fim”**

De volta às pistas, após quase três anos, tetracampeã mundial no vertical tenta vaga no park para Jogos de Tóquio 2020. Ela participa do STJ, em Florianópolis, nesta semana

Por Gabriel Fricke, Guilherme Pereira, Lorena Dillon e Marcel Mergulho — São Paulo  
23/07/2019 13h44 | Atualizado há 4 meses



Figura 3: Portal Globo Esporte <sup>9</sup>

O jornalista, então, tenta reverter a atual situação dizendo ao público que a premiação da skatista não é em uma das modalidades que o Comitê considerou olímpico e que, para isso, a atleta tem se esforçado para se adaptar à nova configuração de disputa. Esta análise pôde ser constatada na fala da protagonista, na qual, apesar de toda expectativa colocada sobre ela, se apresenta como humana, passível de erros e imprevistos ao afirmar que “Se fosse no vertical, não tenho dúvida que seria muito improvável não ganhar uma medalha” e “O park é muito diferente. Me sinto começando. Faz um ano que isso está acontecendo, mas eu ando. Eu sei andar.”.

O estereótipo de pioneira está presente no panorama de consolidação do esporte construído através do discurso posto na matéria. Em diversos momentos, a atleta relata que o esporte tem crescido no cenário nacional, tanto em nível de importância de competições como da representatividade feminina na disputa das duas modalidades, fato que é deixado implícito através das frases proferidas pela skatista: “Eu sempre fui o peixe fora d’água e agora tem um aquário inteiro”.

<sup>9</sup> Disponível em : <https://globoesporte.globo.com/programas/verao-espetacular/noticia/mae-musica-e-skatista-pioneira-karen-jonz-agora-quer-ser-olimpica-estou-super-a-fim.ghtml> Acessado em 10/06/2019

---

“Empresária, música, pintora, skatista, mulher, mãe”, esta é a afirmação que sus- tenta que, pouco a pouco, a representatividade feminina em espaços tipicamente prota- gonizados por homens tem acontecido e revela um importante marco na história. Mais do que a exaltação de uma dessas múltiplas facetas, o discurso produzido atua de forma a mostrar que qualquer lugar pode ser ocupado por elas e que podem, e devem, ter os holofotes voltados para elas

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sejam elas apenas crianças, adolescentes ou mães, os estereótipos projetados so- bre as mulheres continuam a ser uma prática corriqueira nos discursos jornalísticos pro- duzidos sobre elas. Apesar da tentativa de assumir um cunho humanizado nas matérias produzidas, a Análise do Discurso contido nas matérias analisadas revelou que a proje- ção de expectativas sobre elas acaba por mudar o tom da reportagem por aquilo que não está ali posto, mas pode ser subentendido através da análise.

A construção do discurso as coloca em patamares superiores às demais mulheres ao descrevê-las como uma espécie de super-heroínas ou mulheres-prodígio que fogem da realidade enfrentada pela maioria delas. Em um momento em que se enaltece os es- paços ocupados pelas mulheres e suas conquistas, a narrativa presente nas matérias nos levanta o questionamento a respeito da representatividade feminina na medida em que tentam fazê-las apenas como instrumentos para uma vitória inéditas e de proporções inimagináveis.

Evidenciando seus inúmeros papéis sociais desempenhados com maestria e deli- cadeza, o discurso construído sobre elas traz em evidência projeções de expectativas tendo como principal fundamento a juventude, que está sempre a seu favor mesmo quando a atleta tem como característica “ser mãe”. Neste sentido, não foram possíveis encontrar retratos de mulheres mais velhas que representassem a prática, o que pode estar também associado com dados de que os principais representantes da modalidade esportiva são jovens.

Um dado importante a se dizer é que não foram encontradas matérias cujas pro- tagonistas fossem negras. Isto nos levanta o questionamento que não pôde ser respondi- do através desta análise: O espaço da mulher negra neste esporte está ligado ao fato de a prática ter nascido em ambiente privilegiado social e economicamente? De que forma acontece a resistência das mulheres negras neste espaço predominantemente branco e

---

masculino? Isto nos leva à busca dos porquês que não puderam ser respondidos por esta pesquisa, o que demandará reflexões posteriores.

Apesar da construção narrativa que tem como proposta exaltar a figura feminina em suas mais variadas facetas, vemos que a articulação do discurso, feita por um profissional da comunicação, funciona apenas como uma tentativa de desconstrução de um paradigma para a criação de outro igualmente problemático. Assim, sustentados pela proposição de Bourdieu (2001, p.12-13), vemos que o ato de “Nomear, como se sabe, é fazer ver, é criar, é trazer à existência. (...) Por que as palavras fazem coisas, criam fantasmas, medos, fobias ou, simplesmente, representações falsas.”

O que vemos neste processo é que a articulação entre os elementos que compõe o discurso tem como propósito construir uma mulher idealizada, que, tentando ser benéfico, pode ter “efeitos” contrários. Os impactos desta construção, sustentados pela figura do enunciador do discurso, que possui papel social significativo, acaba por reforçar são imprevisíveis, uma vez que os sentidos construídos através da mídia são constantemente revistos e reinterpretados de múltiplas formas por indivíduos com as mais variadas mediações culturais. São elas que, aliadas às sedimentações que são anteriores e posteriores à existência dos sujeitos no mundo (BERGER E LUCKMANN,2014), serão responsáveis pela produção de sentidos àquilo que se pretende dizer, carregando consigo territorialidades e temporalidades.

É fato que as matérias sobre elas são importantes, o que revela que cada vez mais as atividades por elas desempenhadas são reconhecidas e projetadas através dos meios de comunicação. Porém, concebendo a AD como uma relação estabelecida entre sujeitos, entendemos que este “(...) não fala com plena liberdade, pois é assujeitado pelas condições históricas materiais, pela ideologia e pela cultura” (BENETTI, 2016, p.239). Cabe a nós pensar, entretanto, a situação em que este discurso está sendo produzido, os valores que estão explícita ou implicitamente contidos nele e a figura e importância daquele que é utilizado para emití-lo, ou seja, cabe a nós resgatar a Formação Discursiva (FD) da situação analisada. (PÊCHEUX, 1990)

O que nos importa, neste caso, é que as representações construídas sobre skatistas mulheres pressupõem a existência de um leitor imaginado (ORLANDI, 2012), que se opõe ao leitor real, que interpreta aquilo que está posto e lhe oferece sentido em um jogo dialógico (PÊCHEUX,1990). Só assim conseguiremos analisar a importância e relevância dos estereótipos sobre elas projetados e entender que, por mais que sejam



representativos e narrados sob o viés humanizado, eles auxiliam no reforço de algo que não é de todo benéfico para aqueles que o portam, já que na tentativa de desconstruir um estereótipo de cunho misógino, acaba-se por criar outro, que ocupa o outro extremo deste fio condutor, a imagem da mulher heroína, que se coloca como um modelo a ser tomado como espelho a ser seguido pelas demais.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, L. Evolução. Check it out girls, Los Angeles, v. 6, p. 1-3, dez. 1999.
- BENVENISTE, Émile. “**Da subjetividade na linguagem**”, em Problemas de Linguística Geral I. Campinas: Pontes, 1989
- BENETTI, Márcia. **Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação** In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios & procedimentos. Pontes, 2012.
- BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. 21ª, ed. Trad.: Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis-RJ: Vozes.2014
- BRANDÃO, Leonardo. *Corpos deslizantes, corpos desviantes: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972-1989)*. 2007. 139 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade da Grande Dourados, Dourados, 2007.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Editora da Unicamp. 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Oeiras: Celta Editora, 2001
- CAMPBELL, Joseph. **Herói de Mil Faces**, O. Cultrix / Pensamento. São Paulo, 2004.
- COLLI, E. Universo olímpico: uma enciclopédia das Olimpíadas. São Paulo: Códex, 2004.
- DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, v. 5, 1997.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. “**Rua, Símbolo e Suporte da Experiência Urbana**”. 1993. Disponível em <http://www.aguaforte.com/antropologia>. Acesso em 20 de março de 2019.
- PÊCHEUX Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: Gadet F, Hak T, organizadores. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2a ed. Campinas (SP): Ed Unicamp:1990, p. 61-105.